

Actividade industrial em Sines até ao impacto do Complexo Industrial

Introdução

O texto agora publicado é uma síntese da investigação levada a cabo para a preparação da exposição *Sines no Século XX*, que irá inaugurar o Museu de Sines. Nos próximos números serão publicados artigos sobre outros aspectos da história do século XX. Uma lista completa das fontes do Arquivo Municipal utilizadas será referida no artigo final acerca da indústria.

Cortiça

A indústria corticeira instalou-se em Sines no século XIX com capitais ingleses, sendo que em meados do século laboravam já três fábricas, as quais empregavam 72 operários e conseguiam carregar vinte navios com cerca de 19400 toneladas. No final do século instalaram-se industriais corticeiros catalães, e, em 1908, já funcionavam cinco fábricas com cerca de quatrocentos operários¹.

Em 1911 o sector ocupava cerca de um terço da população activa e, em 1912, são arroladas nove fábricas, sendo quatro delas de pequena dimensão.

A fábrica Herold destacava-se então. Fundada em 1791, a *dedicou-se* à exportação de sal, cortiça e rolhas e à importação de carvão mineral. A partir de 1890 iniciou-se a produção de rolhas e quadros. Em 1900 a Herold adquiriu uma fábrica com cerca de 10000 quadrados de superfície. Em 1907 a fábrica de Sines transformava 14619 de fardos de cortiça. Produziam-se 900 rolhas no mesmo ano. No mesmo ano trabalhavam na fábrica 147 operários².

Segundo o Anuário Comercial, o número de fábricas em Sines no período da Grande Guerra foi de sete, com excepção de 1915, com treze. A Hauser e Fernandes Ita (antiga Herold), nos anos vinte, empregou entre 20 e cinquenta trabalhadores. Situava-se na Rua de Ferreira.

Em 1912 a associação de operários corticeiros local agrupava mais de metade dos corticeiros em Sines.

No entanto, outras pequenas unidades fabris, ao longo da primeira metade do século, instalaram-se em vários pontos da vila e dos seus subúrbios. Os pontos preferidos são a Estrada do Cercal (iniciava-se na Rua Pedro Álvares Cabral), a Estrada Nova (Rua Marquês de Pombal) e Ribeira de Cima. Privilegiava-se o acesso rápido a vias de comunicação e fontes de abastecimento de água. Nos anos 20-40 os industriais instalaram água canalizada e energia eléctrica e melhoraram caminhos.

Na Estrada do Cercal encontravam-se as fábricas de António Faria Godinho e Companhia, Manuel do Nascimento Caetano e José Gonçalves Marreiros.

A Wicander e Bucknall situava-se na Rua Marquês de Pombal, mas possuía também uma fábrica de cortiça confinante com o Bairro Fialho. Hjalmar Wicander comprou o domínio útil de um terreno foreiro à Câmara Municipal de Sines onde tinha já a sua fábrica de preparação de cortiça em 1914.

Outra fábrica de cortiça na rua Marquês de Pombal pertencia a Mariana David Godinho. Outras pequenas fábricas podiam ser encontradas em São Rafael. A Sociedade Pidwell da Costa, administrada por Manuel António Pidwell da Costa, tinha a sua fábrica de

¹ MADEIRA, João- "Os Corticeiros e o sindicalismo em Sines (1910 – 1914) ", in *História*, primeira série, nº. 142, Julho de 1991

² Madeira., João, *op. Cit.*

preparação de cortiça no Largo de Nossa Senhora das Salas. Já a Corticeira de Sines, de Abel Raposo, em 1944, situava-se na Estrada Nacional nº21. Francisco Granés, em 1928, solicitava autorização para colocar “tojo durázio” no caminho do Largo da Cruz até à sua fábrica, cuja localização exacta é pouco precisa. Segundo familiares de Francisco Granés, este industrial terá chegado a Sines em 1903, após uma estadia em Grândola. Sebastião Borges Gouveia instala energia eléctrica em 1950 na sua fábrica de cortiça.

Miguel Ricardo Raposo inicia o processo de instalação de uma fábrica de transformação de cortiça em quadros em 1952³, sendo que o alvará de funcionamento é emitido somente três anos depois, em 1955⁴, embora a fundação date de 1947⁵.

Na década de sessenta já a indústria corticeira se mostrava fragilizada. Em 1961 a Hauser e Fernandes estava encerrada. Neste período o tecido industrial em Sines caracteriza-se pelo seu carácter quase artesanal: a serração e moagem de Luís Faria Godinho, a carpintaria mecânica da firma Venturinha, Guerreiros e Pereira, a oficina e estação de serviço Auto Caps, a oficina de carpintaria de a oficina de José Domingos Badoca, a oficina de ferreiro de José Francisco Telo, ou a fábrica de gelo de José Augusto dos Santos.

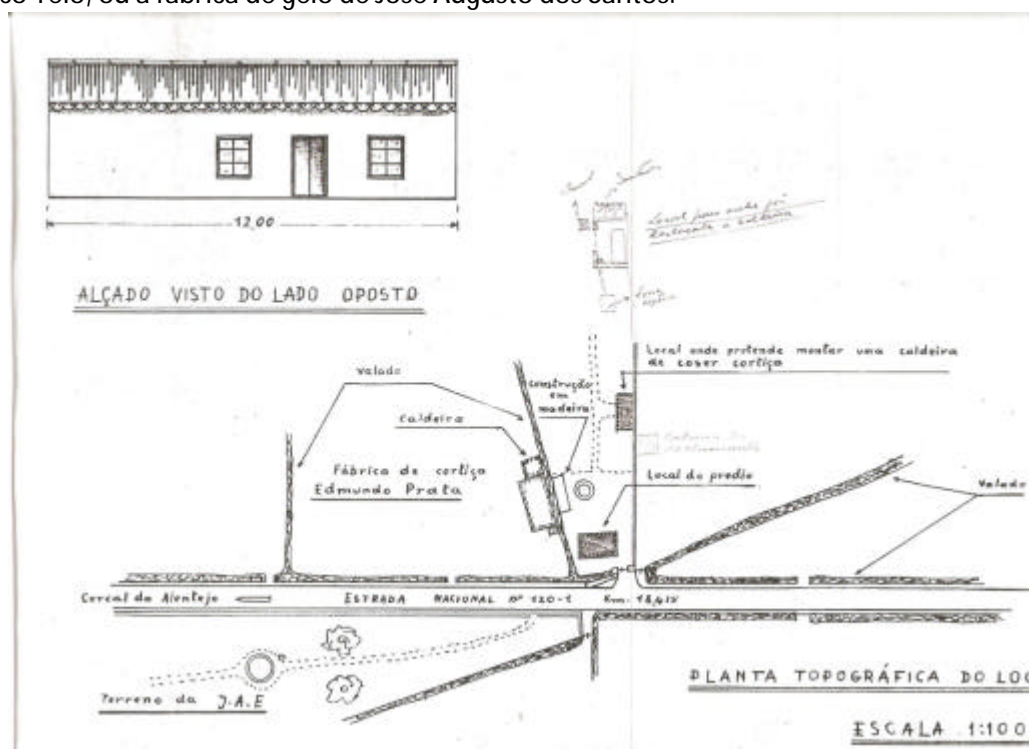


Figura 1. [1953] *Planta do prédio e do local onde Miguel Ricardo Raposo tem instalada a sua fábrica manual de fabricação de quadros e onde pretende montar uma caldeira de coser cortiça, sítio de Tanganheira de Baixo, freguesia e Concelho de Sines.* Documento nº 6 do processo nº 4/2651 da 4ª Circunscrição Industrial relativo a uma fábrica de transformação de

³ 1952, Fevereiro, 13, Lisboa – A Direcção-Geral dos Serviços Industriais defere um pedido de instalação de uma fábrica de transformação de cortiça em quadros feito por Miguel Ricardo Raposo em requerimento de 23 de Janeiro de 1952. O passo seguinte é requerer o alvará à 4ª Circunscrição Industrial, Évora. Arquivo da Direcção Regional da Economia de Évora.

⁴ 1955, Maio, 11, Évora – Alvará nº 40395 que concede licença a Miguel Ricardo Raposo para explorar uma fábrica de transformação de cortiça com caldeira para recozer na Estrada do Cercal, Sines. Arquivo da Direcção Regional da Economia de Évora.

⁵ PATRÍCIO, Sandra – *O Licenciamento de Actividades Industriais nas décadas de 50-60 do século XX: o exemplo da indústria corticeira e do fabrico do pão.* Trabalho apresentado à cadeira curricular de mestrado Arquivos e Sistemas de Poder na Época Contemporânea, orientado pelo Prof. Doutor Paulo Eduardo Guimarães. [documento policopiado]. Évora: Universidade de Évora. Departamento de História, 2008.

cortiça com caldeira para recozer de Miguel Ricardo Raposo. Arquivo da Direcção Regional da Economia de Évora.

Sandra Patrício